

## A OBRA AMORAS E A LITERATURA INFANTIL: PROTAGONISMO E INFÂNCIA NEGRA

### AMORAS AND CHILDREN'S LITERATURE: PROTAGONISM AND BLACK CHILDHOOD

Elenice de Paula<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto tem como objetivo levantar reflexões sobre a literatura infantil, em especial, referente àquelas que apresentam narrativas que visam demonstrar o protagonismo da infância negra. Para isso, junto ao apoio bibliográfico, em um primeiro momento são levantadas observações sobre a produção literária com relação à infância negra. Em seguida, com o objetivo de analisar as contribuições da literatura infantil que versa como é constituída por personagens negros/as, será realizado uma análise da obra *Amoras*, escrita por Emicida e publica em 2018.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Personagens negros. Protagonismo.

**ABSTRACT:** This text aims to raise reflections on children's literature, in particular, referring to those that present narratives that aim to demonstrate the protagonism of black childhood. For this, together with the bibliographic support, at first, observations are raised about the literary production on black childhood. Then, with the aim of analyzing the contributions of children's literature that deals with how black characters are constituted, an analysis of the work *Amoras*, written by Emicida and published in 2018, will be carried out.

**Keywords:** Children's Literature. Black characters. Protagonism.

## INTRODUÇÃO

Investigar sobre a infância é algo que exige múltiplas observações, Philippe Ariès, com a publicação da obra “História social da criança e da família”, em 1960, está entre os primeiros autores a levantar considerações a partir da ótica da infância como construção histórica. Para o autor, tanto sobre o sentimento de infância como os diferentes discursos que agem para a configuração do pertencer a infância, tais como o jurídico e escolar, por exemplo, são constituídos historicamente e interferem na configuração social e a posição da infância nela (ARIÈS, 1981). Contudo, tanto a construção histórica da infância como os documentos produzidos sobre elas, em sua maioria, são constituídos pela visão

---

<sup>1</sup>Mestranda em educação- Programa de Pós-Graduação da Universidade de Santa Catarina - PPGE-UFSC.

adultocêntrica, ou seja, o olhar dos adultos sobre o universo infantil. Os livros de literatura estão entre esses documentos, que, por um longo período, tardaram a narrar suas histórias a partir de uma visão da infância. Completa-se a essa observação os livros de literatura infantil, que mesmo sendo produto direcionado à elas, mantinha-se distante de um olhar vindo delas de forma a manter a visão de mundo do adulto.

Sobre essa visão adultocêntrica, Regina Zilberman (1987), nos informa que essas narrativas estavam condicionadas às normas literárias, que, junto ao reforço da norma cultural, exponha um mundo dado a ler e ser interpretado que sustenta as experiências do adulto sobre a infância. Para a autora, o adulto intervém no imaginário sobre a infância de distintas formas, sendo elas,

Seja pela atuação de um narrador que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis; seja pela veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos; seja pela utilização de uma norma linguística ainda não atingida por seu leitor, devido à falta de experiência mais complexa na manipulação com a linguagem (ZILBERMAN, 2003, 23)

Em relação à reprodução de normas, padrões culturais e valores sociais, destacou que a literatura contribuiu para a reprodução de um olhar eurocêntrico do mundo, em que meio a ela reforçou ainda a manutenção do racismo. Estudos de Ione da Silva Jovino (2015), por exemplo, ao dedicar narrativas sobre a infância no século XIX e início do XX, identificou como a experiência colonizadora (pautada no olhar de homem, branco, europeu) perpetuou em muitas narrativas literárias. Nas obras analisadas, a infância negra surge como um produto da escravidão e que de forma muito lenta foi ganhando espaço e protagonismo. Entretanto, como destaca Jovino, “a mudança da representação da criança e da infância negra na literatura de ficção só conhecerá mudanças substanciais e positivadas na década de 1990” (JOVINO, 2015, p. 222).

Importante destacar que, dentro desse cenário de produção literária, o rompimento com as exclusões sociais sustentadas pelo racismo permitiu que, cada vez mais, mesmo que de forma muito lenta, tanto escritores/as como personagens negros conquistassem visibilidade e reconhecimento. Sobre o assunto, Eduardo de Assis Duarte (2014), nos apresenta um panorama sobre as discussões referentes a construção de personagens e um eu anunciador que quer ser visto como sujeito negro, principalmente para a demonstração e ressignificação de histórias (e vida real) marcadas pela exclusão social. Condição oportuna para a valorização do protagonismo da população negra em diferentes campos, assim como da possibilidade de por meio da literatura, proporcionar outros olhares e reconhecimento

sobre o ser negro, que valorizem suas histórias, culturas e permitam a construção de identidades positivas para a população negra. Deste modo, a literatura escrita e que apresenta personagens negros possui uma potência além da construção imaginária. Para o autor, sendo essa literatura empenhada, permite,

Identificar uma escritura que seja não apenas a expressão dos afrodescendentes enquanto agentes de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na diferença que questiona e abala a trajetória progressiva e linear de nossa história literária (DUARTE, 2014, p. 43).

Deste modo, compreendo o caráter potencializador da literatura, e, ao tratar da construção literária narrada por escritores/as negros e que apresentem o protagonismo de personagens negros/as nas narrativas, age de forma positiva para a construção de identidades de pessoas negras. Assim, por meio da literatura, são constituídos caminhos que auxiliam na formação de uma sociedade que contribui de forma positiva para as relações étnico-raciais. Nesse sentido, a literatura infantil atenta ao protagonismo infantil, em especial, que apresente personagens negros/as, age duplamente no processo da construção de experiências sociais afetivas nos processos que envolvem a construção da infância, bem como auxilia na construção valorativa dos sujeitos negros.

Com base nos estudos de Carla Akotirene (2019) e Kimberle Crenshaw (2002), sobre a interseccionalidade, como instrumento teórico-metodológico que nos auxilia em compreender como são constituídas as configurações sociais, em que, por meio de distintas marcações sociais, tais como, gênero, raça, classe, idade, dentre outras, agem na exclusão ou inclusão dos sujeitos, e, por meio delas auxilia ainda na formação de identidades positivas ou negativas de pertencimentos, e, de Angela Figueiredo (2020), que demonstra a necessidade de uma revisão epistêmica para a compreensão e entendimento das relações sociais e das produções sobre e para a população negra, proponho, num primeiro momento estabelecer um diálogo sobre as pesquisas que dedicam-se a produção literária para o público infantil que versam e apresentam narrativas sobre a população negra. Em seguida, como forma de demonstrar as contribuições para os estudos das relações étnico-raciais, e, identificar o protagonismo infantil na literatura infantil, enfatizando a análise da obra *Amoras*, escrita por Emericida e publicada pela Editora Companhia das Letrinhas, em 2018.

### **Pesquisas sobre a literatura infantil e o protagonismo de personagens negros**

É crescente o número de pesquisas que se dedicam a investigar sobre a literatura voltada à história e cultura afro-brasileira e africana. Com o avançar das discussões

promovidas pela Lei nº. 10.639/2003, distintas produções literárias, cada vez mais assumem o compromisso em tomar um espaço que por anos foi negligenciado, como em construir narrativas que valorizem a história e cultura da população afro-brasileira e africana. Nesse cenário, ganham destaque as produções dedicadas ao público infantojuvenil.

No conjunto dessas discussões, Débora Oyayomi Araujo (Débora Cristina de Araújo), por exemplo, doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professora de Educação das Relações Étnico-Raciais na Universidade Federal do Espírito Santo e coordenadora do LitERÊtura - Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias, buscando analisar a literatura infantil que versa sobre a história e cultura afro-brasileira e africana, com ênfase nas narrativas a respeito das infâncias, em conjunto com outros pesquisadores, têm dedicado seus trabalhos sob a tentativa em identificar quais são as produções literárias infantis publicadas no Brasil, compreender acerca dos assuntos abordados e perceber como são representadas as crianças narradas, e, quando possível, estabelecer um comparativo temporal anterior e posterior com a Lei nº. 10.639/2003 e das produções africanas.

Esses objetivos sustentam a análise de distintos trabalhos publicados, tais como, ““Pra entender o Erê tem que tá moleque”: as infâncias de João e Maria, em Lázaro Ramos” (2020), escrito em conjunto com Luís Thiago Freire Dantas (UERJ), “Meninos negros na literatura infantil e juvenil: corpos ausentes” (2020), em coautoria com Geane Teodoro Damasceno, mestranda em educação pela UFES e com Regina Godinho de Alcântara, professora na mesma instituição, e em “Literatura infantil e ancestralidade africana: o que nos contam as crianças?” (2019). Tendo em vista que não pretendo realizar um levantamento quantitativo do que tem sido produzido a respeito, trago esses trabalhos por destacarem-se pelas reflexões acerca das temáticas afro-brasileira e africana e das possibilidades de diálogo com a proposta deste texto.

Os textos resultam de pesquisas individuais e/ou desenvolvidas no LitERÊtura, grupo de estudos já mencionado. Os trabalhos foram publicados em revistas científicas especializadas na grande área da literatura entre os anos de 2019 e 2020 e são disponibilizados no formato digital de acesso livre.

As reflexões contidas nos três textos selecionados possuem como temática central a preocupação em perceber quais as representações sobre a infância negra existentes nas produções literárias destinadas à infância. Sem a pretensão em realizar um levantamento quantitativo, os exemplos analisados nos textos permitem que o/a leitor/a possa ter a

dimensão sobre as publicações infantojuvenis que versam com relação ao assunto, bem como as modificações e continuidades presente nas narrativas em um comparativo com a Lei nº. 10.639/2003.

Como fio condutor dos trabalhos, a noção de infancialização, levantada por Renato Nogueira e Marcos Barreto, e incorporada nos textos analisados, levam os autores a compreenderem o conceito como “uma maneira de perceber na infância as condições de possibilidade de invenção de novos modos de vida” (NOGUEIRA; BARRETO, *apud* ARAÚJO; DANTAS, 2020, p. 196). Nesse sentido, além de provocar uma reflexão sobre a história e cultura afro-brasileira e africana e das relações étnico raciais, os/as autores/as levantam observações para romper com o adultocentrismo, posicionamento que coloca a infância como inferior em relação aos adultos, e, no que correspondente à literatura, provoca uma leitura de mundo a partir do olhar dos adultos. Ou seja, com uma atenção interseccional, os/as autores pretendem mapear as produções literárias que apresentam o protagonismo infantil de meninos e meninas negras. Uma ruptura epistêmica que envolve a narrativa das obras bem como o olhar a respeito dos sujeitos narrados.

Esses trabalhos levantam apontamentos sobre o desenvolvimento da literatura destinada à população infantil. Conforme os/as autores, essas produções surgiram com o avançar da escolarização da infância burguesa, em fins do século XIX e início do XX. Com um processo marcado por exclusões sociais, o racismo sustentou tanto o conteúdo das histórias narradas e a construção dos personagens, como a configuração do ensino, ou seja, para qual público ele era destinado. Ao ater-se às narrativas sobre a infância negra, os trabalhos analisados estabelecem uma crítica sobre essas produções. Como destacam Araujo; Damasceno e Alcântara, “os modos com que os meninos negros foram representados refletiram não somente o racismo de base científica, mas, especificamente, a aversão ao corpo masculino negro, historicamente associado ao perigo e à criminalidade” (ARAÚJO; DAMASCENO; ALCÂNTARA, 2020, p. 285). Ou seja, as narrativas não possuíam a infância negra como protagonista das histórias, não eram produzidas para meninos e meninas negras como leitores/as e ainda reforçaram o olhar pejorativo e discriminatório contra a população negra.

Em conjunto com o rompimento do olhar eurocêntrico, os artigos exploram a infancialização como um exercício em perceber a infância sempre presente. Ou seja, não como um encerramento de uma fase da vida a outra, nem como um período da vida inferior, mas como um “ativar” a infância para produzir narrativas sobre e para as crianças. Araújo e

Dantas exploram essa atenção como uma forma de não adulterar o protagonismo infantil, em especial o de meninos e meninas negras, em que, a partir do estudo da língua zulu, “entendendo a existência da infância de modo ininterrupto e a vida não por meros estágios ou etapas a serem superadas com vista ao aumento do (auto)conhecimento” (ARAUJO; DANTAS, 2020, p. 197).

Nesse sentido, a infancialização percorre tanto os sujeitos narrados como os que os narram. Para os/as pesquisadores/as, a narrativa imersa nas histórias literárias para a população infantil amplia a concepção de infância, levam a brincadeira como algo inseparável da infância e estendem até as narrativas, no jogo de palavras, na posição dos/as autores sobre os sujeitos narrados, sobre as situações, as tramas, a resolução de conflitos sem a intervenção dos adultos, do protagonismo infantil, olhares de mundo que partem da infância e para a infância. Ou seja, a infancialização é assumir um compromisso com a infância e para a infância. Nas narrativas literárias, o brincar com as palavras, com a poética, com a imaginação, é percorrer um mundo em que a infância possui total domínio sobre seu percurso, seu corpo, sua cultura e o reconhecimento de si.

A atenção em conciliar a preocupação com a infância e as narrativas sobre e para a população negra, fez com que os/as pesquisadores analisassem diferentes obras literárias que possui personagens negros, sejam eles protagonistas ou não. O interesse é em perceber sobre as mudanças ocorridas no tempo, em especial com a Lei nº. 10.639/2003, mas ao mesmo tempo identificar possíveis continuidades marcadas pelo eurocentrismo e o racismo instituído na escrita. Apresentar brevemente os resultados da análise dos/as autores serve como um fio condutor para explorar a observação da obra “Amoras”, como forma de perceber as aproximações, distanciamentos e rompimentos com as narrativas que versam sobre o assunto.

Em “Pra entender o Erê tem que tá moleque”: as infâncias de João e Maria, em Lázaro Ramos”, Araújo e Dantas, recorrem a autores como Johan Huizinga, Renato Noguera e Marcos Barreto, para analisar as obras Caderno de rimas do João (2016) e Caderno sem rimas da Maria (2018), escritas por Lázaro Ramos. A atenção empregada no texto permite que os/as leitores/as possam compreender noções conceituais sobre a infancialização. Conforme Araújo e Dantas, a narrativa empregada em ambos os livros expressam um olhar atento ao universo infantil em que o narrador assume o compromisso em não adulterar os olhares e experiências infantis, em especial a história de João e Maria, dois personagens negros que são protagonistas da história. Para os autores, nas obras de Ramos, “o lúdico como expressão

da cultura humana é manifestado em ambos os textos, num jogo estético com a linguagem, demonstrando sua conexão intrínseca com a poesia relacionada ao mundo da criança” (ARAÚJO; DANTAS, 2020, p. 204).

A ludicidade como marca intrínseca da infância percorre toda a narrativa construída por Ramos, um pai negro que narra o protagonismo de seus filhos negros. Uma atenção que tanto explora a valorização do protagonismo infantil como da infância negra. Atento ao jogo de palavras narrados pelos personagens, que reinterpreta e ressignifica tanto as palavras como o sentido atribuído à elas, Ramos “ativa a infância”, seja como escritor, dos sujeitos narrados e dos/as leitores, pois, ao mesmo tempo que produz uma história com as crianças e não sobre elas, permite que enxergamos a história a partir da infância. Pois, como destaca Araújo e Dantas desde o título do trabalho, “Pra entender o Erê tem que tá moleque”.

Em “Meninos negros na literatura infantil e juvenil: corpos ausentes” (2020), Débora Cristina de Araujo, Geane Teodoro Damasceno e Regina Godinho de Alcântara, atentas em identificar o protagonismo de crianças negras imersas nas produções literárias, percorrem as páginas das obras: “Dito, o negrinho da flauta”, de Pedro Bloch (1983), “Manobra Radical”, de Edith Modesto (2003) e as produções africanas “Chuva de manga”, de James Rumford (2005); “O chamado de Sosu”, de Meshack Asare (2005); e “Panquecas de Mama Panya”, de Mary e Rich Chamberlin (2005). Nesse exercício investigativo foi possível perceber diferenças entre as produções brasileiras e africanas, bem como as temáticas que circundam as obras.

Para as autoras, é preciso compreender o contexto histórico da produção das obras. “Dito, o negrinho da flauta” e “Manobra Radical”, foram escritas anteriormente à Lei nº. 10.639/2003, principalmente a primeira, momento em que se iniciava um revisionismo nas produções historiográficas que tratam sobre a história e cultura da população afro-brasileira e africana, e das influências no movimento negro que tanto reivindicava pela conquista de direitos como pelo racismo que se estendia em todos os setores da sociedade, inclusive nas produções literárias.

Ao analisar as obras, Araújo, Damasceno e Alcântara, identificaram que as produções anteriores à Lei nº. 10.639/2003, por mais que procurem apresentar o protagonismo infantil, inviabilizaram o protagonismo de meninos e meninas negras. Junto a isso, as narrativas expressam um reforço do racismo presente em ao menos quatro categorias, sendo elas: a afetividade, associada a concepção de adoção e a ausência paterna dos homens negros; a do “corpo negro masculino amedrontador”, característica atribuído ao racismo instituído com

base na associação do negro como propício ao crime e violência; a da ““Ridicularização e humilhação do negro em determinados espaços sociais”, em que as experiências dos protagonistas são ridicularizadas nos espaços em que frequentam, como a escola e a rua; na quarta categoria, “a associação do local de moradia à marginalidade”, em que os espaços sociais são simbolicamente construídos nas narrativas como um reforço do racismo. Uma relação que contribui para reforçar a concepção desses lugares e situações como a única narrativa possível devido a condição de pertencimento das relações étnico-raciais. Como destacam as autoras, além de no período não existir uma política para a valorização e pertencimento da história e cultura afro-brasileira e africana, “refletem um período sociopolítico em que tanto as compras governamentais quanto o apelo para a valorização da diversidade étnico-racial do país não eram intensos” (ARAÚJO; DAMASCENO; ALCÂNTARA, 2020, p. 304).

Diferente das primeiras obras analisadas, “Chuva de manga”, “O chamado de Sosu e “Panquecas de Mama Panya”, apresentam narrativas totalmente contrárias. Além do protagonismo dos personagens narrados, a infancialização que circunda toda a trama, expressa a valorização, reconhecimento e pertencimento da história e cultura afro-brasileira e africana. As histórias versam sobre diferentes situações em que os personagens, meninos e meninas negras não são caracterizados como nas primeiras obras analisadas. Sendo todas produções do século XXI, posterior à Lei nº. 10.639/2003, expressam um “melhor trato estético e literário aos protagonistas negros na literatura presente no Brasil” (ARAÚJO; DAMASCENO; ALCÂNTARA, 2020, p. 297).

1390

Assim, os meninos e meninas narradas nessas histórias provocam no/a leitor/a e ao mesmo são conduzidos pela infancialização, em que as ações dos personagens evocam o pertencimento da infância para com o grupo, a comunidade, o fazer-se criança imerso a participação ativa na resolução de problemas, na conquista dos sonhos e no pertencimento a história e cultura afro-brasileira e africana. Longe de exclusões sociais, discriminação e ridicularização e do racismo em que parte as narrativas brasileiras, o segundo conjunto de textos analisados expõe um novo panorama das produções literárias, seja pelos avanços provocados pela Lei nº. 10.639/2003, como da percepção de que a literatura é um dos caminhos possíveis para construção de um mundo melhor.

Nesse mesmo conjunto analítico, Débora Oyayomi Araújo, em “Literatura infantil e ancestralidade africana: o que nos contam as crianças?” explora sobre as narrativas construídas na literatura infantil. A autora parte do pressuposto de que, o universo infantil



é permeado por um conjunto de palavras que significam e são ressignificadas com a ancestralidade da população afro-brasileira. No texto, a autora instiga seus/as leitores/as a pensar a infância como uma reconexão, como indica Araújo, “metaforicamente aqui entendidas como aquelas que descendem dos africanos: o de se reconectar, por meio de pistas, à sua história” (ARAÚJO, 2019, p. 110). Assim, a partir da infancialização, a infância é compreendida por sua plenitude, atuação e importância com as demais “fases da vida”. Pois, como destaca a autora, “ser infantil não é ser imaturo; é antes pensar o mundo a partir de perspectivas diversas” (ARAÚJO, 2019, p. 112).

Tomada pela atenção em identificar as obras literárias que permitem essa reconexão com a infância e a ancestralidade africana, Araújo analisa as obras: Amkoullel, o menino fula, (2003), de Amadou Hampâté Bâ; “Panquecas de Mama Panya”, de Mary e Rich Chamberlin (2005); “O baobá e eu”, de Georges Gneka (2005); “O chamado de Sosu”, de Meshack Asare (2005); “Irmã-Estrela”, de Alain Mabanckou (2013); “ŌmŌ-Obá: histórias de princesas,” de Kiusam de Oliveira (2009; “Cadernos sem rimas da Maria” (2018) e “Cadernos de rima do João” (2016), de Lázaro Ramos.

No conjunto de obras analisadas, Araújo destaca que “as crianças têm uma intensa e especial ligação com o espírito ancestral” (ARAÚJO, 2019, p. 118). Todavia, as construções literárias produzidas no Brasil partem do racismo como problemática central, diferente das obras produzidas na África, em que os aspectos culturais e o protagonismo infantil na atuação conjunta da comunidade aparecem como temas centrais das narrativas. Como destaca a autora, ambas produções procuram vincular a ancestralidade, os entes espirituais, mas, nas narrativas brasileiras, a distância com um passado incerto faz com que, como indica Araújo, “a produção brasileira recorre à construção de personagens que procuram por suas origens africanas diante de um total ou parcial desconhecimento ou em decorrência de buscas por respostas sobre como enfrentar as experiências de discriminação racial” (ARAÚJO, 2019, p. 118).

Para tanto, as reflexões contidas nas três produções analisadas demonstram avanços conquistados por meio da Lei nº. 10.639/2003. A obrigatoriedade do ensino e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana refletiu de forma satisfatória na produção literária, em especial a literatura infantil. No conjunto dessas obras, o protagonismo de meninas e meninos negros não só assumem o compromisso em atender a legislação como inserem-se em um lugar de direito e reconhecimento para a construção de uma sociedade mais justa, desde a infância. Como lembram os/as autores/as, mesmo que estejamos imersos

a problemas do passado que insistem em nosso presente, até mesmo em algumas narrativas literárias que ainda vão no sentido contrário à uma educação antirracista.

### **Amoras e construção identitária do sujeito negro**

A obra *Amoras*, publicada pela Editora Companhia das Letrinhas, em 2018, foi escrita pelo cantor e compositor Emicida, nome artístico de Leandro Roque de Oliveira. Na obra, a apresentação do autor indica que;

Emicida nasceu Leandro Roque de Oliveira, em sua casinha bem pobrezinha na parte Norte da cidade de São Paulo. Sua imaginação foi sua melhor amiga e o fez visitar mundos incríveis, transformando-o em astronauta, desenhista, guerreiro, pirata, rei, pintor, samurai e muitas outras coisas. Tudo sem sair de casa.

Foi brincando com sua imaginação e com as palavras que Emicida descobriu sua habilidade de contar histórias fazendo poesias, e ele não parou nunca mais de fazer isso. Acreditou durante muito tempo que muitas coisas eram impossíveis. Hoje, acredita no contrário, e, por meio das histórias que conta, prova que tudo é possível (EMICIDA, 2018, s/p).

Emicida é um cantor e compositor negro, suas músicas expressam a crítica social ao racismo estrutural e todas as reverberações sociais impostas por ele. Crítico a reprodução das exclusões sociais e violências contra à população negra, muitas de suas experiências também integram as rimas de seu rap que sustenta a percepção sobre a necessidade e emergência em romper com as estruturas sociais que marginalizam, criminalizam e dificultam (até mesmo impedem) a vida das pessoas negras. Marcas essas que também podem ser observadas na apresentação como autor da obra *Amoras*, quando, principalmente devido às imposições do racismo atravessadas pela condição de classe, como indica a narrativa, “acreditou durante muito tempo que muitas coisas eram impossíveis”, como uma impossibilidade de seguir seus sonhos, em traçar objetivos para seu futuro. Contudo, as conquistas obtidas em sua trajetória de vida são ressignificadas por meio de uma adaptação à literatura infantil, em que, quando indica que, “sua imaginação foi sua melhor amiga e o fez visitar mundos incríveis, transformando-o em astronauta, desenhista, guerreiro, pirata, rei, pintor, samurai e muitas outras coisas. Tudo sem sair de casa”, por meio da linguagem e sentido adaptado, instiga aos/às leitores/as a sonharem, imaginarem e construir futuros possíveis. Fator esse do qual a literatura infantil possui papel fundamental.

Conforme Adriana Thomazotti Claro (2007),

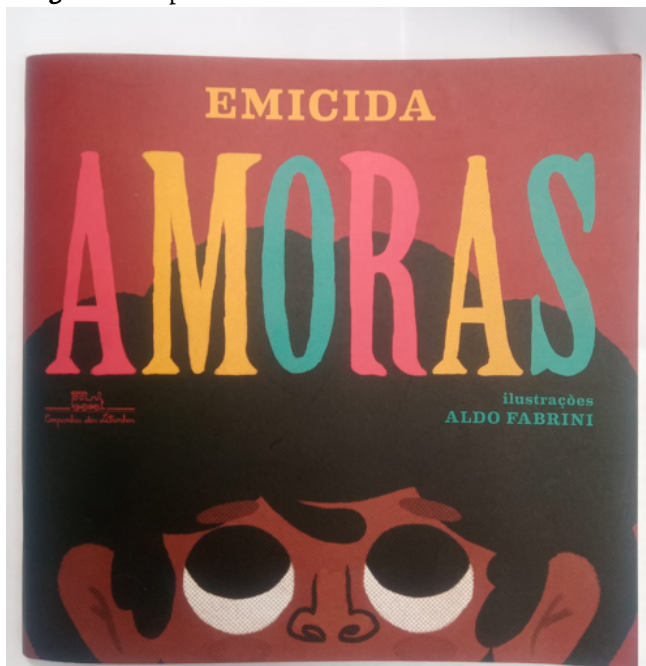
As significações acerca da leitura infantil, e o fato de que as diversas referências que dela fazem parte devem ser consideradas e analisadas no sentido de identificar as relações estabelecidas entre formas de representação da realidade, de representação do indivíduo (e particularmente, da criança-leitora) em seu interior,

permitindo antever uma experiência social efetiva, experiência esta capaz de lançar luz acerca dos processos que envolvem a leitura na infância (CLARO, 2007, p. 08).

Nesse sentido, a literatura infantil sustenta-se como uma ponte entre o imaginário infantil e a construção de expectativas para o futuro. Da aproximação entre escritor/a e leitor/a, sem impor a visão adulta de mundo, mas que, por meio desse imaginário, a infância possa transitar entre o mundo real e aquele(s) imaginado(s) enquanto lê ou escuta as histórias.

Enquanto escritor negro, Emicida também explora o imaginário e a construção da representatividade e identificação enquanto sujeito negro, seja no eu anunciador como na representação de seus personagens. Personagem essa que foi inspirada em sua filha Estela, em que na dedicatória apresenta que o livro é, “dedicado a Estela, a primeira pessoa que vi salvar o mundo” (EMICIDA, 2018, s/p). Representação essa constituída em toda a obra, desde a capa, que serve como um convite aos/às leitores/as, como pode ser observado na imagem 01.

**Imagem 01:** Capa do livro Amoras

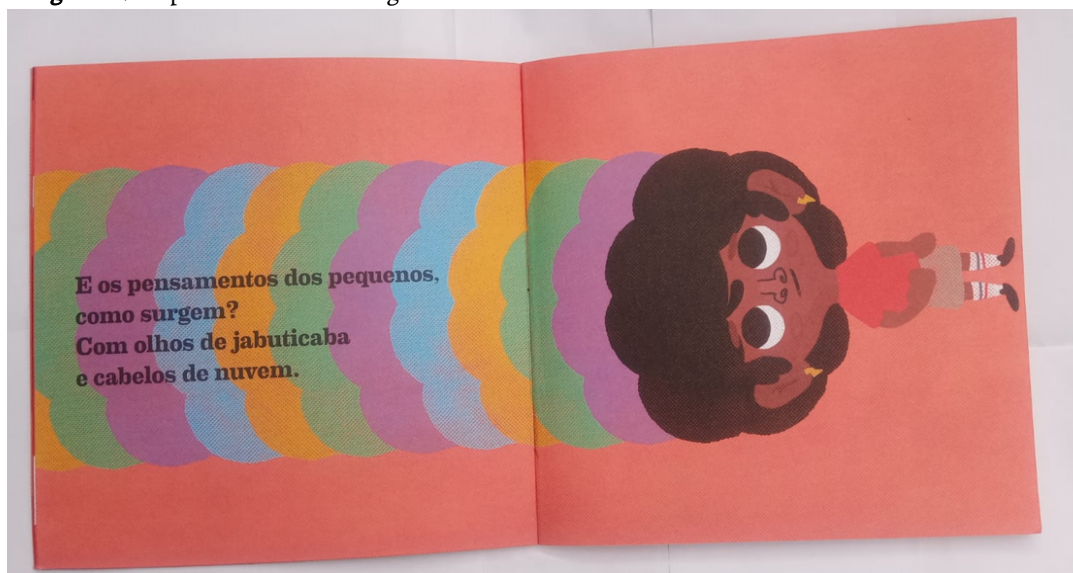


**Fonte:** Acervo da autora (2023)

A história é distribuída ao longo de 36 páginas, essas que não apresentam a numeração. É composta por versos curtos, dado a adaptação ao público que está iniciando na leitura, instiga junto a eles o imaginário por meio de um conjunto de ilustrações de Aldo Fabrini Assayag, que marcam a representatividade da história e cultura afro-brasileira, em que o eu anunciador é negro, e os/as personagens ilustrados marcam a representatividade positiva sobre si e a cultura afro brasileira.

A narrativa conta a história da menina negra que passeia com seu pai pelo pomar. O pai, pensativo sobre o mundo, afirma que, “não há melhor palco para o pensamento que dança do que o lado de dentro da cabeça das crianças”. Um indicativo acerca da inocência da infância, de que, o racismo, por exemplo, é constituído por meio da internalização daquilo que é manifestado socialmente no cotidiano. Por isso, construir uma narrativa valorativa sobre as pessoas negras auxilia na construção positiva de si, para as pessoas negras, bem como para que não negros não reproduzam as manifestações racistas que ainda percorrem o cotidiano. Assim, com trocadilhos com relação a inocência das crianças e a cultura afro brasileira, Emicida expõe brevemente sobre as religiosidades de matriz africana, e de que a cabeça das crianças é o melhor palco observar, pois, como afirma, “pode olhar, lá tudo é puro e profundo que nem Obatalá, o orixá que criou o mundo”. Explora ainda diferentes interpretações religiosas, como de Alá, para os muçulmanos, o autor sustenta que, “nesse planeta, Deus tem tanto nome diferente que, para facilitar, decidiu morar no brilho dos olhos da gente”. Nesse trocadilho, as associações entre as coisas assumem uma posição valorativa à estética corporal negra, como quando ao interrogar sobre os pensamentos dos pequenos, como surgem?” e responde que, “com olhos de jabuticaba e cabelos como nuvem”.

**Imagem 02:** Representatividade negra



**Fonte:** Acervo da autora (2023)

Em continuidade, o pai pensativo no que diz respeito às crianças indica que elas, “vão espalhando toda a beleza por aí. Me esforço para ensinar, mas foi com eles que aprendi”. Nesse sentido, na história, ao catar amoras com a filha, o pai afirma que, “explico que as pretinhas são o melhor que há”, pois, “Amoras penduradas a brilhar, quando mais escuras, mais doces.

A narrativa expressa um comparativo entre as amoras e a criança negra, uma forma de conduzir o/a leitor/a a identificar com a personagem da história, ao reconhecer-se como pessoa negra e desenvolver uma imagem positiva sobre, pois, como indica, “então a alegria acende os olhos da menina; que conclusão incrível alcançou a menina?”. Comparando a amora a personagens negros da história, tais como, “forte como um lutador no ringue”, “e gentil como Martin Luther King”, ao observar a ação da menina, o pensamento do pai expõe que enquanto a menina apanha as amoras, “ao vê-la, Zumbi dos Palmares diria: - Nada foi em vão”. Pois, como um despertar de pertencimento de valorização à estética corpórea negra, para o pai, “fez as palavras soarem como canto, ao brincar com as frutinhas com sabor de acalanto”, pois, “me olhou nos olhos e muito bem, e disse: Papai, que bom, porque eu sou pretinha também”.

**Imagem 03:** Identidade positiva



Fonte: Acervo da autora (2023)

**Imagem 04:** Afirmação Identitária



Fonte: Acervo da autora (2023)

Assim a narrativa chega ao fim. Ao encerrar com a afirmação “porque eu sou pretinha também”, como demonstrado na imagem 04, Emicida deixa sua mensagem que auxilia na construção do reconhecimento, pertencimento e construção de uma imagem positiva sobre a população negra, desde a infância. Posterior a história, a obra apresenta um glossário explicativo das palavras: Obatalá; Orixás; África; Alá; Martin Luther King; Zumbi dos Palmares e Quilombo. Todas adaptadas para que as crianças possam compreender os termos.

## CONSIDERAÇÕES

Como destacado neste texto, a literatura possui um poder potencializador. Em relação a literatura infantil, desde a infância, contribui para a construção ativa de leitores/as, fator esse que auxilia em distintos processos, como na educação e constituição de uma sociedade mais humanizada.

No que corresponde ao rompimento epistêmico da literatura, observamos que, dado a visão eurocêntrica, por exemplo, atravessada pela negação e inferiorização dos sujeitos negros, as produções literárias escritas por pessoas negras tiveram um processo tardio de reconhecimento. Fator esse que influenciou na construção de personagens negros, principalmente como protagonistas das histórias narradas. Nesse sentido, o avançar dos escritos literários de autores/as negros/as tanto contribuiu para maior visibilidade as suas produções como para protagonizar uma escrita de pertencimento e de valorização identitária, em que o eu anunciador afirma-se como negro/a, e, junto a seus personagens que auxiliam no entendimento e construção identitária de seus/as leitores, que, negros/as ou não, irá auxiliar no processo de análise social e contribuirá para as relações étnico-raciais.

Em entrevista, Angela Figueiredo (2020), as produções de escritores/as negros/as possuem estreita relações com as reivindicações e ações do Movimento Negro do Brasil. Para a autora, foi por meio do Movimento Negro que muitos/as intelectuais e escritores/as puderam publicar seus trabalhos, e que, hoje, presenciamos um avanço editorial de publicações, de obras que tanto versam sobre como são escritas por pessoas negras, que expressam as exigências de um novo público leitor (FIGUEIREDO, 2020). Ou seja, as políticas afirmativas contribuíram para um movimentar-se social em que novas exigências são impostas, tanto pela necessidade da revisão epistêmica, como pelo atendimento ao

público que se identifica como negro e que exige a representatividade e reconhecimento positivo de si nas histórias que são dadas a ler.

Ao observar as representações da infância na literatura, em especial a infância negra, observou-se o processo tardio de inserção desse público, principalmente para a constituição de uma narrativa valorativa a respeito desse grupo. A obra *Amoras* possui destaque nessas produções. Direcionada ao público infantil, a narrativa empregada busca valorização da visão de mundo a partir dos olhos da infância. Mesmo que o eu narrador seja o pai da menina, a narrativa visa a tentativa de compreender o universo infantil, as múltiplas significações pela forma da qual a infância narra e observa o mundo. A partir da comparação entre a estética corporal negra e as amoras, Emicida explora tanto o imaginário da infância como de que elas não possuem visões negativas sobre si e os outros. O reconhecimento e identificação da menina com a amora demonstra que os problemas sociais causados pelo racismo partem daqueles atos e narrativas que, na tentativa de ofender as pessoas negras, irão atingir a formação perceptiva da infância. Ou seja, a criança se tornará racista caso conviva, presencie e/ou experiencie atitudes e comportamentos racistas. Assim, de modo prazeroso, Emicida utiliza do comparativo com as amoras em perceber as diferenças e de que ser negro é algo positivo.

Como apresentado nas discussões de Araújo, Dantas, Damasceno e Alcantara, no Brasil, as narrativas infantis a respeito da infância, possuem em sua maioria a necessidade de narrar a representatividade positiva dos/as personagens negros/as. Processo esse ocasionado devido a exclusão, marginalização e minorização sofrido pelas pessoas negras. Deste modo, a literatura que visa narrar o protagonismo de seus personagens negros, tanto apresenta distintas alternativas para a população negra, como auxilia no processo, mesmo que lento, de rompimento com o racismo que ainda permeia a sociedade. Buscamos romper com ele o mais breve possível.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, Débora Cristina de; DANTAS, Luís Thiago Freire. 'Pra entender o erê tem que tá moleque': as infâncias de João e Maria em Lázaro Ramos. **Verbo de Minas**, v. 21, p. 194-211, 2020. Disponível em: <http://https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/2471>. Acesso em 15 de maio de 2023.

ARAUJO, Débora Cristina de; DAMASCENO, Geane Teodoro; ALCANTARA, Regina Godinho de. Meninos negros na literatura infantil e juvenil: corpos ausentes. **REVELL-Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 2, p. 284-310, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4732> Acesso em 03 de maio de 2023.

ARAUJO, Débora Oyayomi. Literatura infantil e ancestralidade africana: o que nos contam as crianças?. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 28, p. 109-126, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8774> Acesso em 10 de maio de 2023.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 01 fev. 2023.

CLARO, Adriana Thomazotti. Socialização e leitura infantil. In: **Anais X Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Anais eletrônicos. Campinas, São Paulo, 2007. Disponível em: [https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos\\_PDF/Adriana\\_Thomazotti\\_Claro.pdf](https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Adriana_Thomazotti_Claro.pdf) Acesso em, 10 de maio de 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

1398

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. Rio de Janeiro, Pallas, 2014.

EMICIDA. **Amoras**. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102> Acesso em 20 de dezembro de 2022.

JOVINO, Ione da Silva. Crianças negras na história: Fontes e discursos sobre a breve infância permitida pelo escravismo oitocentista brasileiro. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 189-225, 2015. DOI: 10.14244/198271991167. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1167>. Acesso em: 20 abril 2023.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo, Global Editora, 2003.

ZALUSKI, Jorge Luiz. Entrevista com a professora Ângela Figueiredo. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 14, n. 28, p. 6-19, 2020. DOI: 10.30612/rehr.v14i28.12070. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12070>. Acesso em: 21 fev. 2023.